

(continuação da 28a. pága.)

isiva: exatamente meio século, inqüenta anos antes de nascer "35" — Centro de Tradições Gaúchas, desta capital, Cezimbra Jacques sonhou o mesmo sonho imaginou centros com idénticas finalidades. Não ficou nisso, fundou e fez funcionar o primeiro centro dessa natureza, perseguindo o preciso ideal dos tradicionalistas atuais — o "Grêmio Gaúcho", de Porto Alegre. Não existindo ata de fundação ou estatutos originais nos arquivos desse grêmio, demos a palavra ao próprio Cezimbra Jacques, para felicidade nossa e esclarecimento do fato, o registrou amplamente nos "Assuntos do Rio Grande do Sul":

"Se tivemos o arrôjo de sair da nossa humilde obscuridade, vindo pôr em jogo a nossa débil inteligência, sem os recursos do saber, diante de leitores ilustres, foi sem dúvida por nos julgar a obrigação inadiável de dizer o que pensamos sobre o patriótico Grêmio Gaúcho e as suas irmãs congêneres, na qualidade de fundador do dito Grêmio, auxiliado por um grupo de patriotas dedicados, de primeiro iniciador de sociedades dessa ordem, no Rio Grande do Sul, com a sua fundação; de subscritor dos estatutos desse grêmio e de evitar assim que, segundo modos de ver e afirmativas que, não só constituem uma reprovação do que temos feito até aqui, como até mesmo são demolidores dos alicerces desta sociedade, fundada a custa de tantos sacrifícios e de tantos dissabores, nos possamos até tachar de visionário" (o grifo é nosso).

Daí se verifica que Cezimbra Jacques foi o iniciador, o fundador do primeiro centro dessa natureza no Rio Grande do Sul, como ainda subscritor de seus primitivos estatutos. E sofreu iguais vexames aos experimentados meio século após pelos deflagradores do atual surto, tendo cumprido os mesmos sacrifícios.

Sabe-se que o "35", desta capital, rastilho de pólvora e modêlo desse atual surto tradicionalista, foi criado em abril de 1948. Vejamos a fundação do Grêmio Gaúcho, nas palavras do próprio Cezimbra Jacques, consoante a obra citada:

"Desde a nossa mais tenra idade ouvindo as belas narrativas de nossa terra pelos velhos de então, nos sentíamos por tal modo atraídos para os admiráveis acontecimentos que formam a nossa brilhante história... Sentimos a necessidade de não deixarmos adormecer ou de não olvidarmos o nosso deslumbrante passado, para que ele possa atuar constantemente sobre o nosso presente e o nosso futuro, produzindo seus efeitos salutares."

"Porém, nestas épocas de indiferentismo e de decadência de tudo quanto a alma humana há de mais nobre, nós, contemplando esse passado glorioso, esse grande cabedal desta terra amada, as nossas grandiosas tradições no seu conjunto, de dia a dia caírem no olvido, ao sentirmo-nos tomados de um momento de mágoa e descrença, surgimos a idéia, a qual julgamos salvadora desta deplorável cena de desprezo ao nosso passado, que contemplávamos então."

"Esta foi — continua Cezimbra Jacques — a de fundarmos o Grêmio Gaúcho e organizar o quadro das comemorações dos acontecimentos grandiosos de nossa terra, ligando a eles bons traços característicos das épocas respectivas."

"E foi pensarmos e agirmos. Pusemos mãos à obra, a qual levamos a efeito, como dissemos no começo, auxiliados por um grupo de compatriotas destemidos, figurando entre eles algumas dignas senhoras e senhoritas, e dos quais nos ocuparemos em um trabalho especial, se para isso houver ensejo."

"Antes, porém, de irmos adiante, é necessário que digamos que, tendo conseguido a realização deste tentamen, em maio de 1898, parece havermos tocado na corda sensível, não só desta capital como de todo o Rio Grande do Sul" (o grifo é nosso).

A expressão final, aludindo a todo o Rio Grande, refere-se à criação de núcleos semelhantes em cidades do interior, como se depreende mais adiante:

"... o fato de, em sociedades patrióticas como o Grêmio Gaúcho de Porto Alegre, como é a União Gaúcha, como é o Centro Gaúcho de Bagé, cultivar-se os usos salutares do passado..."

Longa e indispensável transcrição. Dela decorrem claramente os motivos e as finalidades da iniciativa: o menosprezo pelas coisas do passado, a ser corrigido pelo culto desse mesmo passado, posto a servir como inspiração para o presente e o futuro. Com absoluta identidade, os mesmos que nortearam a fundação do "35" em 1948, cinquenta anos depois. E como vimos, já em 1898, naquelas "algumas dignas senhoras e senhoritas" surgiram cronologicamente as primeiras "prendas" do nosso tradicionalismo.

Examinemos o pensamento de Cezimbra Jacques, quanto ao programa de atividades delineado para o Grêmio Gaúcho:

"Assim constituída a sociedade, farão parte dos programas as nossas festas tradicionais o mais que for possível: — a representação teatral em cenários emprestes improvisados ligeiramente, de atos do passado, tais como: as cenas da nossa antiga hospitalidade; os exercícios do Grêmio, seus jogos ou diversões, tais como carreiras, danças camponesas, cantos de desafio ou em êle, ao som de instrumentos tradicionais; passeatas de grupos organizados, trajando à laia, cavalhadas e os bons

tos, cuidados carinhosamente, o Grêmio Gaúcho estaria apto a informar sobre este caro Torrão, passado e presente, por meios, não só escritos e orais, como também por atos e fatos, a qualquer forasteiro que se interessasse em conhecê-lo".

Muitos poucos centros da atualidade podem responder positivamente a tais exigências do patrono...

O FRACASSO DA INICIATIVA

No que se enganou Cezimbra Jacques, e completamente, foi no pensar ter atingido a corda sensível do Rio Grande. A União Gaúcha de Pelotas, tanto quanto o Centro Gaúcho de Bagé, definharam e morreram com o tempo. O Grêmio Gaúcho, desta capital, para sobreviver até o presente, abandonou as finalidades tradicionalistas, transformando-se em sociedade recreativa. Em outra oportunidade já a pontamos as concausas que levaram ao fracasso a tentativa de Cezimbra Jacques. Basta recordar a principal: em fins do século passado o Rio Grande, em que pesem as queixas de Jacques, ainda vivia muito intensamente a vida gauchesca. Não se tinha afastado suficientemente de seus velhos usos e costumes, para sentir necessidade de voltar a eles. Só hoje, meia centúria após, o Grêmio Gaúcho intenta refazer o caminho querido por seu fundador, mas agora suggestionado pela atual vaga tradicionalista.

Também foi reerguida a União Gaúcha, de Pelotas, sob o nome de "União Gaúcha J. Simões Lopes Neto". Em Bagé, desaparecido o antigo Centro Gaúcho, surgiu recentemente o "93" CTG.

Além desses, o Estado conta, nos dias correntes, com centena e meia de núcleos semelhantes, espalhados por quase todos os seus municípios, descontados os centros mirins, de piás, infantis. Isto significa que chegou o momento asado para a flor tornar-se fruto: agora temos condições para a idéia poder desabrochar.

O rumo de Cezimbra Jacques estava certo, certíssimo. Seu erro foi apenas do momento. Mas esse próprio erro é um dos seus vários títulos: como todo precursor, sentiu o problema muito antes que seus contemporâneos.

A COLETA DE NOSSAS DANÇAS ANTIGAS

No "Ensaio sobre os Costumes do Rio Grande do Sul", de 1883, Cezimbra Jacques descreve muitas de nossas danças antigas, já registrando o texto oral que as acompanha, e que hoje são re-interpretadas pelos tradicionalistas dos nossos dias. Referências que enriqueceu posteriormente nos "Assuntos do Rio Grande do Sul", de 1912.

Nesta última obra pôs em letra de fôrma a palavra POPULARÍO, antecipando-se, portanto, ao projetado e até hoje inédito POPULARIUM, de Apolinário Porto Alegre.

Além disso deixou uma inequívoca marca de sua atividade como folclorista pioneiro, ao recolher nossas velhas danças em 1883, segundo anota no "Ensaio"...

"Para darmos uma idéia mais exata dessas danças foi-nos preciso conseguir que dançassem em nossa presença alguns pares de ancião (sic), os quais nos explicavam também detalhadamente tais danças".

Além de constituir uma das principais fontes de Augusto Meyer para o "Guia do Folclore Gaúcho", Cezimbra Jacques também o foi, e inspiração como acabamos de ver, para os modernos recoletores de nosso folclore coreográfico.

O ANEDOTÁRIO DE CEZIMBRA JACQUES

Contudo, não terá sido apenas por isso que guindaram muito justamente Cezimbra Jacques a patrono do tradicionalismo. Além de excelente conhecedor de nossa vida campeira (sua obra o documenta), Cezimbra Jacques tinha um amor, um carinho e um enlêvo comovedor por nossa terra e nossa gente. Tal sentimento de apego ao torrão, à sua história e às suas tradições, o levaram até o cúmulo de estudar, aprender e falar, pelo menos sofrivelmente, o idioma guarani. Provam-no os dois pequenos vocabulários dessa língua, insertos em seus livros. E Ivo Barbedo que, privando com êle, ouviu-o dialogar com guaranis, certa feita aparecidos nesta capital.

A mesma testemunha nos relata uma anedota verídica:

Durante seus estudos de preparatórios, para ingressar depois na Faculdade de Medicina de Porto Alegre, Ivo Barbedo teve o Major Cezimbra Jacques como instrutor militar no Colégio Júlio de Castilhos que, diga-se de passagem, foi a primeira escola do Estado a adotar tal instrução. Durante os exercícios de ordem unida era frequente Cezimbra Jacques ordenar aos alunos que fizessem evoluções circulares, completamente estranhas à infantaria. A turma o cumpria, mesmo sem saber o que significava tal manobra. Muitos e muitos anos depois alguns chegaram a compreendê-lo: tratava-se de movimentos típicos da cavalaria, pela qual — como bom gaúcho — era apaixonado o instrutor João Cezimbra Jacques!

Ivo Barbedo também recorda ser comentário geral, à época, que o major Jacques, nos dias de campanha aos fundos de sua residência, à Rua da República, para ali matear sózinho.

Tal motivo — acrescentamos nós — teria sido acrescido pela boca do povo na anedota que hoje corre o Rio Grande do Sul:

Quando ainda vivia nesta capital e já provavelmente abandonado por seus companheiros do tradicionalismo, Cezimbra